



Revista Brasileira de História de
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da
Educação
Brasil

do Carmo Vieira Goulart, Ilse

O ensino da leitura na produção escrita de Luiz Gonzaga Fleury, entre 1922 a 1936†
Revista Brasileira de História de Educação, vol. 15, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 133-
158

Sociedade Brasileira de História da Educação
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161035006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O ensino da leitura na produção escrita de Luiz Gonzaga Fleury, entre 1922 a 1936[†]

Ilsa do Carmo Vieira Goulart*

Resumo

Este texto pretende apresentar parte da biografia e da bibliografia do professor sorocabano Luiz Gonzaga Fleury (1891-1969), bem como compreender qual concepção a respeito do ensino da leitura aparece marcada nos discursos, publicados em diferentes periódicos, no período de 1922 a 1936. Para tanto, por se tratar de uma pesquisa documental, os estudos apoiam-se na perspectiva da História Cultural, que proporciona à pesquisa um direcionamento do olhar investigativo para representações sobre o ensino da leitura presente nos artigos publicados pelo autor na *Revista Nacional*, na *Revista Educação* e no *Jornal O Estado de S. Paulo*. Por trabalhar diretamente com enunciados escritos, a teoria da enunciação de Bakhtin se mostra um aporte teórico relevante para compreender as questões discursivas de um determinado tempo e lugar. A pesquisa parte da premissa de que os textos podem trazer marcas na estruturação da linguagem, indicando um discurso escrito marcado pela representação e intencionalidade da atividade leitora, que aparecem voltadas para a formação dos professores em relação ao ensino da leitura e da escrita.

Palavras-chave:

Luiz Gonzaga Fleury. Ensino da leitura. Representações de leitura.

[†] Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no II SHIELE, 2013, e se constitui parte da pesquisa de doutorado intitulada *As lições de Meninice: um estudo sobre as representações de livro de leitura inscritas na série graduada Meninice (1948/1949)*, de Luiz Gonzaga Fleury, financiada pela CAPES.

* Doutora em Educação, pela FE/UNICAMP. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras.

The teaching of reading in the written work of Luiz Gonzaga Fleury, from 1922 to 1936

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Abstract

This text aims to present part of the biography and bibliography of the teacher Luiz Gonzaga Fleury (1891-1969), from Sorocaba, SP, as well as to comprehend which conception about the teaching of reading is present in speeches, published in different journals, from 1922 to 1936. To this end, as this research is a documentary, the studies are based on the perspectives of Cultural History, that provides to the research a guiding for the investigative approach on the representations concerning teaching of reading on the articles published by this author in the journals *Revista Nacional* and *Revista Educação*, and in the newspaper *O Estado de S. Paulo*. Due to the fact of working directly with written statements, Bakhtin theory of enunciation shows a relevant theoretical contribution to understand the discursive issues of a determined time and place. The research is carried out upon the premises that the texts can host traits in the language structuring, indicating a written speech highlighted by the representation and intentionality of reader activity, which are shown to be produced to teachers training regarding to the teaching of reading and writing.

Keywords:

Luiz Gonzaga Fleury. Teaching of Reading. Representations of reading.

La enseñanza de la lectura en la producción escrita de Luiz Gonzaga Fleury, entre 1922 a 1936

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Resumen

Este texto pretende presentar parte de la biografía y bibliografía del profesor sorocabano Luiz Gonzaga Fleury (1891-1969), así como entender qué diseño con respecto a la enseñanza de la lectura aparece marcado en los discursos, publicados en diferentes periódicos, en el período comprendido entre 1922 y 1936. Con este fin, por tratarse de una investigación documental, los estudios se apoyan en la perspectiva de la Historia Cultural, que ofrece a la investigación una orientación de la visión investigativa para las representaciones sobre la enseñanza de la lectura presente en los artículos publicados por el autor en la *Revista Nacional*, *Revista Educação* y en el periódico *O Estado de S. Paulo*. Al trabajar directamente con declaraciones escritas, la teoría de la enunciación de Bakhtin se muestra una contribución teórica importante para comprender las cuestiones discursivas de un determinado tiempo y lugar. La investigación parte de la premisa de que los textos pueden traer las marcas en la estructuración del lenguaje, lo que indica un discurso escrito marcado por la representación e intencionalidad de la actividad lectora, que aparecen dirigidas a la capacitación de los profesores en relación con la enseñanza de la lectura y escritura.

Palabras clave:

Luiz Gonzaga Fleury. Enseñanza de la lectura. Representaciones de lectura.

Considerações iniciais

Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 294).

Na direção das palavras escritas como movimento dialógico, de expressão e articulação de interesses caracterizados por um tempo e espaço distintos, é que este trabalho pretende compreender o movimento dos discursos inscritos numa produção material impressa, no início do século XX. Tais discursos, produzidos pelo professor sorocabano Luiz Gonzaga Fleury, no período entre 1922 e 1936, segundo a epígrafe, trazem ‘conservadas em vestes verbalizadas’, ideias e modos de entender a realidade educacional próprios de uma época, voltados especificamente para o ensino da leitura e da escrita.

Sabe-se que as primeiras décadas do século XX apresentaram discussões e regulamentações oficiais direcionadas para a educação, que marcaram o curso das preocupações em relação ao ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas brasileiras.

As reformas educacionais¹ empreendidas no Brasil a partir da década de 1920, como a reforma de Sampaio Dória em São Paulo, em 1920; de Lourenço Filho, no Ceará, em 1922; de Anísio Teixeira, na Bahia, em 1926; de Francisco Campos, em Minas Gerais, em 1926; e de Fernando de Azevedo no Distrito Federal, em 1927, levantavam discussões, produzindo discursos com ênfase na instituição política, organizacional e pedagógica como fator de concretização das aspirações em torno da função social da escola.

Possivelmente levados por esse ‘fenômeno do entusiasmo pela educação’, um grupo de treze intelectuais cariocas fundava, em uma sala da escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Educação (ABE). Iniciava-se, assim, outro movimento de produção de discursos direcionados aos modos de organização da educação nacional, que traria suas contribuições para a história do ensino na escola pública primária.

Com a realização da *IV Conferência Nacional de Educação*, em 1931, evento promovido pela ABE que teve a participação direta do

¹ Cf. Carvalho (1988, 2000).

governo Vargas por meio do Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos, foram convocadas as delegações de gestores públicos ligados à educação dos Estados da federação. Com isso, as discussões apresentadas nas conferências embasariam a elaboração de um documento para selar a IV Conferência Nacional de Educação e a publicação do *Manifesto dos Pioneiros da Educação*, que também sob inspiração das ideias políticas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, previa diretrizes para a educação nacional e priorizava o ensino público, obrigatório, integral e laico.

Esses movimentos discursivos, produzidos nas primeiras décadas do século XX sobre o ensino público, influenciaram os modos de conceber a própria educação e alteraram as formas de atuação pedagógica, o que, sem dúvida, repercutiu na maneira de compreender o ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas brasileiras.

É nesse cenário de discussões políticas sobre a educação, precisamente entre 1922 e 1936, que a produção material escrita do professor, diretor e chefe do Ensino Primário do Estado de São Paulo, Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, foi ganhando espaço nos principais periódicos da época.

Partindo da concepção de apropriação cultural como invenção criadora no processo de produção material escrita, podemos questionar: quem foi Luiz Gonzaga Fleury? Que fatores teriam influenciado ou marcado a produção material escrita desse autor nos periódicos, em relação às questões de interesse educacional da época? É possível que os discursos construídos pelo professor Fleury, no início do século XX, sobre o ensino da leitura apresentem representações e intencionalidades movidas por um ideário de leitura, de livro de leitura de ‘qualidade’ e de procedimentos metodológicos?

Diante disso, ao considerar o texto impresso como um enunciado verbal, dentro de uma concepção dialógica, entendendo que “[...] todo texto tem um sujeito, um autor [...]”, conforme nos afirma Bakhtin (2003, p. 308), é que este trabalho assume o objetivo de apresentar parte da biografia e da produção bibliográfica de Luiz Gonzaga Fleury. Procura-se compreender de que forma esse autor ganha visibilidade em sua produção escrita, tendo em vista que uma das possibilidades de compreensão das palavras e dos sentidos que elas carregam ou desencadeiam pode se consolidar a partir de uma aproximação daquele que as produziu, bem como analisar quais as representações e intencionalidades a respeito do

ensino de leitura norteiam os artigos do professor Luiz Gonzaga Fleury (1891-1969), publicados na *Revista Nacional*, *Revista Educação* e no *Jornal O Estado de S. Paulo*, direcionados ao ensino da leitura e da escrita, no período entre 1922 e 1936.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa documental e apoia-se na perspectiva teórica e metodológica da História Cultural, tendo em vista as concepções de Chartier (2002, 2003, 2009), ao considerar que um dos principais desafios que se apresenta a esta abordagem está em como pensar a articulação entre o discurso e as práticas.

Por utilizarmos de enunciados impressos, a pesquisa compreende que toda prática pedagógica se situa, se constitui na ordem do discurso, por isso o viés produção discursiva da teoria da enunciação de Bakhtin (2003, 2006) se mostra um aporte teórico privilegiado para a reflexão dos enunciados escolhidos para compor este artigo.

Quem foi Luiz Gonzaga Fleury?

Luiz Gonzaga de Camargo Fleury² nasceu em 8 de julho de 1891, na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. Era o primogênito de seis filhos, resultantes da união conjugal de Major Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury, advogado provinciano, natural da cidade de Meia Ponte – hoje conhecida como Pirenópolis, pertencente ao estado de Goiás – e de Tereza Guilhermina Grohmann Fleury, descendente de alemães, da família Grohmann. Recebeu o mesmo nome de seu avô, Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, um influente político no estado de Goiás, também conhecido pela obra de sua autoria, *Roteiro de Meia Ponte*.

Em 30 de novembro de 1910, com apenas dezenove anos, diplomou-se ‘Professor Normalista’ pela Escola Normal Secundária da Praça da República, na cidade de São Paulo. Entregou-se, posteriormente, ao estudo de filosofia, psicologia, lógica, economia, política, sociologia, direito, entre outros (MELO³, 1954, p. 225).

A vasta compreensão de conceitos, em diferentes áreas, é um indício que teria contribuído para que Fleury estabelecesse um lugar privilegiado entre os intelectuais da época, o que também colaboraria posteriormente

² O levantamento mais detalhado da biografia de Fleury encontra-se em Goulart (2013b).

³ Melo (1954) traz a grafia do primeiro nome de Fleury escrita com “s” (Luís) para Luiz.

para consolidar sua produção de artigos com discussões em temáticas diversificadas ao longo de sua carreira como escritor e tradutor.

Casou-se em 23 de dezembro de 1911, um ano depois de formado, com a professora santista, Ari Nelsen de Melo Fleury, uma união que resultou em sete filhos⁴. Após o casamento, residiu na cidade de Franca-SP, na condição de professor substituto efetivo no Grupo Escolar 'Francisco Martins'. Logo depois, foi efetivado em concurso e pediu sua remoção para sua cidade natal, Sorocaba, sendo nomeado Professor Adjunto no Grupo Escolar 'Antônio Padilha'⁵.

A inserção de Fleury no magistério paulista, a partir de 1910, ocorreu em um período marcado pelo processo de construção de grupos escolares como uma nova forma de organização administrativa e pedagógica do ensino público primário, visando não apenas à implantação de escolas modernas, de 'boa' qualidade, atendendo às exigências da urbanização, como também à implantação de um plano do Governo para reorganizar o ensino popular. A participação de Fleury, compondo o quadro de docentes, na inauguração do terceiro prédio do grupo escolar 'Antônio Padilha', em Sorocaba, colocaria o autor em interação com os processos políticos de inauguração de uma nova proposta do ensino público (o funcionamento do ensino primário em um prédio próprio com salas arejadas, pátios arborizados, museus escolares, laboratórios, bibliotecas populares, mobílias adequadas e disponibilização de materiais didáticos para os alunos) (SOUZA, 1998).

Nove anos depois, Fleury deixaria a função de professor para ocupar cargos administrativos na educação, primeiro como diretor do grupo escolar 'Cel. Joaquim Sales', na cidade de Rio Claro, em 1919⁶; depois como inspetor distrital do Ensino em Piracicaba e em São Carlos, em 1922. Anos mais tarde, retomaria a função de professor, assumindo a lente de Pedagogia e Psicologia da Escola Normal Secundária de Itapetininga,

⁴ De acordo com os dados obtidos pela árvore genealógica da família: Profa. Eunice de Melo Fleury; Orlando de Melo Fleury (19/04/1918 - 08/05/1918); Enid de Melo Fleury (1919-2003); Dr. Edwaldo de Melo Fleury (1920-1992); Dr. Edgard de Melo Fleury; Eneida de Melo Fleury; Dr. Ewandro de Melo Fleury.

⁵ Estas informações constam no discurso de posse do acadêmico Otto Wey Netto, da *Academia Sorocabana de Letras*, no dia 1 de abril de 2000, como também na obra de Melo (1954).

⁶ Esta informação foi encontrada no relatório *Annuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1917* apresentado ao Sr. Secretário do Interior pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Oscar Thompson.

em cujo estabelecimento de ensino exerceu, também, o cargo de professor substituto de inglês. Assumiu a função de assistente técnico do Departamento de Educação do estado de São Paulo.

A posição em cargos administrativos iria acompanhar a carreira de magistério de Fleury, de forma mais contundente, a partir da 1934, como presidente da comissão de Obras Didáticas e da Comissão de Justiça; vice-diretor da Escola Técnica de Comércio ‘Benjamin Constant’; em 1935, como Chefe do Serviço de Classificação e Promoção de Alunos do Departamento de Educação, do estado de São Paulo; presidente da Comissão de Concursos de Ingresso, Promoção e Remoção; em 1936 e 1937, como Chefe do Serviço de Educação Primária e Pré-primária, cargo em que se aposentou em novembro de 1939. Em 1940, retomou a função de diretor do ‘Ginásio Paulista’, pertencente ao Centro Sorocabano de Letras e à ‘Sociedade de Filosofia’, de São Carlos⁷ (MELO, 1954, p. 225).

Por ser um profissional atuante no magistério e por ocupar vários cargos administrativos, foi possível encontrar menção ao seu nome em diferentes trabalhos que retratam um contexto histórico da educação brasileira no início do século XX. Embora haja alusão ao nome de Fleury em algumas pesquisas, não constatamos estudos referentes a sua vida ou obras.

Era irmão mais velho de Renato Sêneca Fleury (MESSENBURG, 2012), que também formou-se normalista, atuava como professor, jornalista, escritor e autor de vários livros de literatura infantil e de séries de livros de leitura, entre eles, a cartilha rural *Na Roça*. Ambos demonstram um trabalho em cumplicidade ao fundarem, em 1914, a revista ‘A.B.C.’ na cidade de Sorocaba:

Em 1914, juntamente com o seu irmão mais velho, Luiz Gonzaga Fleury (que também teve atuação importante no magistério paulista e posteriormente como escritor), Renato Sêneca Fleury fundou “[...] uma importante revista da cidade de Sorocaba, a revista ABC. Tiveram a colaboração do professor Wagner, Bráulio Wernek e Camargo César” (MESSENBURG, 2009, p. 204).

⁷ As informações a respeito da atuação profissional de Fleury encontram-se descritas na obra *Dicionário de Autores Paulistas*, de Melo (1954), algumas sem a indicação de datas, as quais, até este momento da pesquisa, não foram possíveis de serem identificadas.

A participação de Fleury como cofundador da revista A.B.C. indica uma tendência à produção escrita que percorreria toda a sua carreira profissional. Também apareceu como um dos fundadores da 'Revista de Filosofia', de São Carlos, em 1922; colaborador do jornal *O Estado de S. Paulo* em 1929; *A Platéia, Cruzeiro do Sul; Feira Literária*, em 1928; *Diário de Rio Claro, Cidade de São Carlos, O Alfa, Revista Nacional*, entre 1922 e 1923; *Revista de Educação*, entre 1928 e 1939; *Revista de Filosofia, Revista do Brasil*, entre 1922 e 1923.

Faleceu aos 78 anos, no dia 8 de maio de 1969, na cidade de São Paulo, localidade em que foi enterrado. Luiz Gonzaga de Camargo Fleury apareceu no conjunto de profissionais que compuseram a obra *Dicionário de Autores Paulistas*, como um profissional atuante e que ocupara diferentes cargos no magistério. Foi definido por Melo (1954) como contista, escritor de livros para crianças, pedagogo, ensaísta, tendo atuado como professor, diretor, inspetor de ensino, além de assumir funções administrativas.

O percurso biográfico de Fleury nos mostra que se tratava de uma pessoa muito bem relacionada e atuante politicamente, ao assumir diferentes funções administrativas. Acompanhou e integrou um período de discussões sobre políticas educacionais em sua efervescência nacional, o que parece determinar, de forma contundente, sua carreira de magistério e refletir na sua produção escrita.

A produção bibliográfica de Fleury⁸

Fleury, além das funções de diretor e inspetor escolar do ensino primário paulista, assumiu a função de escritor e tradutor de textos de autores estrangeiros (franceses) na *Revista Educação*, de São Paulo, num período de onze anos. De acordo com o estudo de Mello (2007), a respeito dos discursos sobre alfabetização vinculados à *Revista Educação* no período entre 1933 e 1943, o periódico contou com a colaboração de 82 autores, sendo 74 homens e oito mulheres. Segundo a autora, dentre esses autores, destacam-se o Prof. J. B. Damasco Penna⁹ e o Prof. Luiz Gonzaga

⁸ O levantamento completo de toda a produção bibliográfica de Fleury encontra-se em Goulart (2013b). Cf. também Goulart (2012, 2013a).

⁹ De acordo com o *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1936-1937* (ALMEIDA JUNIOR, 1936-1937), o Prof. João B. Damasco Penna, professor de Psychologia do Collegio Universitário de São Paulo, participou como membro da comissão de revisão da literatura didática no período entre 1935-1936 e 1936-1937.

Fleury, por estarem encarregados de traduzir os textos de autores estrangeiros como Edouard Claparède, Henri Piéron, John Dewey, Ovidio Decroly, Adolpho Ferrière, Charles Richet, Fritjof Dettow, Mary A. Adams, R. Duthil, Sarah Byrd Askew e Alfred Binet (MELLO, 2007).

A *Revista Educação* se mostrou um periódico de intenso investimento da produção intelectual do Prof. Fleury, sendo possível encontrar o maior número de publicações de seus artigos. Seu destaque nesse periódico não se restringiu apenas aos textos traduzidos de autores franceses, mas conquistou reconhecimento pela publicação de diversos textos de caráter científico, versando sobre diferentes temáticas. Era uma publicação composta por vinte e um artigos e dois textos de traduções, distribuídos numa periodicidade de onze anos, entre 1928 e 1939.

A quantidade de publicações e a variedade de temáticas abordadas por Fleury, assim como os diferentes campos do conhecimento (lógica clássica, psicologia, educação, literatura), indicam uma formação sólida, que lhe possibilitou transitar por assuntos variados na produção editorial, nesse período em que publicou na *Revista Educação*. Seu interesse pelo ensino da leitura, por exemplo, aparece ao escrever dois artigos: *Sobre o ensino da leitura*, em 1930, e *Sugestões para aula de leitura*, em 1936.

Além da *Revista Educação*, Fleury publicou, ainda, treze artigos em revistas reconhecidas no campo da literatura e da educação, como *Revista do Brasil* (1922 a 1923), *Revista Nacional* (1922 a 1923) e em um jornal de grande circulação, *O Estado de S. Paulo* (1929).

O fato de Fleury ter trabalhado como tradutor da *Revista Educação* demonstra um contato com a publicação de diferentes autores internacionais, colocando-o em proximidade com as inovações e concepções pedagógicas disseminadas em outros países naquele tempo histórico, assim como também lhe propiciou um conhecimento direto das publicações nacionais, além da oportunidade de conviver com os grandes intelectuais da época, o que favorecia a justaposição de questões referentes à educação da época.

Um escrito que ilustra sua relação com a elite intelectual aparece ao fazer a introdução de seu texto *Illusões Communs*; nele, Fleury faz referência à grandeza do trabalho de

Medeiros e Albuquerque, Sampaio Doria, Navarro de Andrade, Plínio Barreto e alguns outros, aliás raros, são exemplos admiráveis entre os homens do saber e talento dos mais poderosos, da liberdade encantadora em transmitir a quem

os lê as mais complicadas idéas, com elegante simplicidade, com beleza por vezes verdadeiramente magistral. Sabem fazer da palavra o que ella deve ser antes de tudo – um luminoso e correntio veículo de idéas e sentimentos, e não, antes de tudo, pomposo enfeite de suas próprias pessoas (FLEURY, 1930a, p. 333).

Outra contribuição que poderia ser indicada para a produção material escrita a respeito do ensino de leitura seria a própria atuação e experiência profissional de Fleury. Por ter desempenhado diferentes funções administrativas em sua carreira do magistério, como professor, diretor, inspetor de ensino e, principalmente, por ocupar a função de Chefe do Departamento do Ensino Primário e Pré-primário (1936-1937), Fleury estava em contato direto com a realidade do ensino em todo o estado de São Paulo. Ele não apenas conhecia as movimentações políticas escolares, por meio de visitas às Delegacias de Ensino e às escolas, como também ministrava palestras aos professores e organizava reuniões e conselhos com a administração escolar.

Tanto a integração com a elite intelectual da época quanto seu envolvimento com a classe de professores sinalizam uma proximidade de Fleury com as questões de interesse em relação à educação e à problemática do ensino da leitura. Interessante apontar que a publicação de Fleury na *Revista Educação* se encerrou quando ele se aposentou no magistério público paulista, em 1939. Após sua aposentadoria, passou a dedicar-se à produção de livros infantis¹⁰.

Nos discursos de Fleury: traços de envolvimento com o ensino da leitura

A preocupação do professor Fleury com a educação manifestou-se em vários de seus escritos. Seleccionamos apenas os artigos que tematizam questões sobre o ensino da leitura: *O ensino da leitura (methodo analytico)*, publicado na *Revista Nacional*, em 1922; *As denominações*

¹⁰ O mesmo período indicado por Lajolo e Zilberman (1991, p. 113), em que vários autores vão se habilitando na escrita de livros infantis, de obras que aparecem a partir dos anos 1940: “Vicente Guimarães, Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, Renato Sêneca Fleury, Virgínia Lefèvre retomam a tradição do conto de fadas europeu, às vezes, utilizando também textos de ambivalência oriental, como Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, em *O Palácio de cristal* (1945), ou, antes dele, Mary Buarque, em *Rosinha chinesa* (1945)”.

“*methodo analytico*” e “*methodo synthetico*”, em *Pedagogia*, na *Revista Educação*, em 1928; *Sobre o ensino da leitura*, publicado em 1930, pela *Revista Educação*; em 1929, no jornal *O Estado de S. Paulo*, o artigo *O Ensino Primário Paulista e a Escola Nova*; o artigo *Sugestões para aulas de leitura*, publicado em 1936 pela *Revista Educação*.

Os discursos publicados por Fleury podem ser compreendidos a partir de uma inquietação com as questões metodológicas que envolviam o ensino da leitura, direcionados ora para um esclarecimento conceitual ao professor das concepções teóricas a respeito dos métodos, ora para a utilização de um método que auxiliasse, de modo mais eficaz, o desenvolvimento da leitura nas escolas públicas paulistas.

a) Os métodos de ensino: entre o esclarecimento e a predileção

Atuando como inspetor escolar, escritor e tradutor da *Revista Educação*, Fleury já era conhecido entre os intelectuais da época pela publicação de seus contos. Em 1922, ao escrever o artigo *O ensino da leitura (methodo analytico)*, publicado na *Revista Nacional*, na seção ‘Educação e Instrução’ Fleury insere-se em uma rede de produção de textos direcionados à educação. Nesse artigo, sua intenção parece ir além de esclarecer o significado de *méthodo analytico*, ao apresentar modos de aplicabilidade no ensino da leitura, denominada *leitura analytica*, a partir do uso de textos e seus respectivos procedimentos.

A questão metodológica aparecia com frequência nos textos de Fleury, como no artigo publicado em 1928, intitulado *As denominações methodo analytico e methodo synthetico, em Pedagogia*¹¹, na *Revista*

¹¹ Neste texto, Fleury trata, de forma mais simplificada e objetiva, a temática discutida no artigo de Renato Jardim, que fora publicado no mesmo ano na *Revista Escolar*. No artigo, Jardim explora o significado das expressões “analytico e synthetico” e esboça quatro possíveis conclusões, entre elas comenta que “em se tratando de definir ou de explicar o que seja um dado ‘methodo geral’, tal exemplificação é de todo inoportuna e causadora de confusão. Para demonstrar que assim é, basta lembrar que os dous methodos geraes, os quaes tudo se reduz, - instructivo e deductivo, - UTILIZAM-SE AMBOS DOS DOIS PROCESSOS DE ANALYSE E DE SYNTHESE, apenas numa ordem diferente. A confusão motivada por este modo de explicar é visível no caso, muito frequente, em que a palavra ‘analytico’ é empregada para exprimir inductivo. Neste caso, por associação de ideias, chama-se syntetico ao methodo deductivo. Ora, methodo inductivo (também chamado observação experimental, natural) compreende ambos os processos de analyse e synthese. Quando, pois, se pretende explicar que methodo

Educação, em que o autor procurou esclarecer as constantes dúvidas e confusões de nomenclaturas dos posicionamentos metodológicos utilizados pelos professores¹².

Dois anos depois, ao escrever *Sobre o ensino da leitura*, publicado em 1930, pela *Revista Educação*, Fleury comentava que a experiência de dezenove anos atuando como professor, diretor de grupo escolar e como inspetor de ensino proporcionou-lhe algumas aprendizagens e observações. Uma delas consistia na ideia de que o uso do *método analítico* pelo professor proporcionava uma alfabetização mais rápida e segura:

São aqueles que perceberam, ainda quando empiricamente, como na mór parte dos casos, que não convém fazer do syncretismo uma phase pura e bem delimitada e nelle permanecer por tempo muito longo, mas que, ao contrário, é vantajoso ir exercendo, desde logo, na medida do possível, a analyse, fazendo-se seguir a esta, também desde logo, consoante as oportunidades, raras de começo, a synthese dos elementos que se forem destacando e dominando – syllabas e, posteriormente, letras, – com a condição, entretanto, de serem taes elementos contidos em palavras dominadas, veiculadas por sentenças curtas, faccis grammatilcalmente simples e em taes palavras apareçam muito reiteradamente (FLEURY, 1930c, p. 281).

Para Fleury, só havia uma maneira de conhecer as coisas, os objetos, as situações em sua realidade a partir de uma relação imediata com a inteligência, e esta acontecia pela ‘intuição’. Entretanto, o discurso do

inductivo é chamado analytic ‘ porque nelle se procede por analyses’, ou ‘porque nelle o todo é decomposto em suas partes’, a explicação é até ahi inteligível; mas ao passar esta á reciproca e ao enunciar que o methodo deductivo é denominado synthetico ‘porque se socorre do processo da synthese, porque nelle se vae dos elementos ao todo, do particular ao geral’, etc., nasce ahi o absurdo, e tudo obscurece, pois que o que então se aponta como a ordem deductiva (do particular para o geral) É MERAMENTE UMA DAS PHASES DA INDUCÇÃO, e, pois, do próprio methodo que ahi se chamou de ‘analytico’ (JARDIM, 1928).

¹² Mortatti (2000, p. 186) traz as discussões sobre as nomenclaturas dos methodos: “[...] as denominações ‘analítico’ ou ‘sintético’ são desaconselháveis por gerarem confusões, conforme apontam os pedagogistas como Bain, Compagne, Charboneau, compayré, dentre outros, uma vez que as palavras ‘análise’ e ‘síntese’ devem ser entendidas em seu sentido lógico, anterior ao sentido químico que evocam”.

autor ressalta que as percepções não ocorriam de forma simples, inicialmente se davam de forma confusa, sincrética ou global, por isso considerava que só havia uma maneira de conhecer, de forma espontânea e imediata, o elemento ou objeto da percepção, e isso se dava pela análise.

Nesse texto, o autor declara sua preferência por um trabalho que priorize a análise, visto que, de acordo com a concepção pedagógica de Fleury, os professores que adotavam esse procedimento obtinham resultados excepcionais: “Deixarão de obedecer a ellas os demais professores eficientes pelo só facto de lançarem mão de exercícios espeeiaes de analyse?” (FLEURY, 1930c, p. 279).

Para Fleury, a diferença que destacava o trabalho dos professores, qualificando-os como ‘excepcionaes’ em relação a outros, era o fato de não recorrer a exercícios especiais para conseguirem a memorização dos resultados de análises espontâneas, obtida pela simples aplicação das atividades de sentenças em que as palavras se repetiam de forma suficiente para que ocorresse a compreensão.

Fleury parece apoiar-se na ideia de que o êxito do ensino decorria de uma atuação bem sucedida do professor. Acreditava que era por meio do domínio do método e da facilidade de sua aplicação que se atribuiria uma imagem de um professor ‘excepcional’. E para esse profissional, não precisaria oferecer-lhe muitas explicações procedimentais, bastaria alguns escritos dispostos em poucas palavras com orientações sobre procedimentos pedagógicos em demasia.

Entretanto, o autor também mostrou que outros professores não alcançavam tais resultados e necessitariam de exercícios especiais, e esse posicionamento foi questionado por Fleury, ao procurar compreender até que ponto os exercícios poderiam contrariar os princípios de análise quando realizados precocemente, pois

Isto seria admissível se fosse possível forçar a natureza com resultados eficientes. A verdade é que a mente, tanto mais quando se trata de crianças já de idade escolar, não funciona exclusivamente por ‘processos syncreticos’, se assim me posso exprimir. E uma vez que o professor perceba que é asado o ensejo de conduzir seus discípulos a analyses mentaes em dado momento, para que serve retardá-lo, se sabe usar para esse objetivo de exercícios adequados, que por si só não chocam com as leis da analyse espontânea? (FLEURY, 1930c, p. 280, grifo do autor)

Com essa questão, Fleury expressa em seu discurso uma ideia de que o fundamento para se alcançar o êxito no ensino estaria na questão da aplicação do ‘método analítico’ ou na ‘análise mental espontânea’. Sem ela, acreditava que não poderia ocorrer o aproveitamento possível daquilo que foi ensinado, nem passar dos elementos analisados de uma ‘percepção sincrética’¹³ a uma percepção clara e reflexiva, desde que ela permitisse o conhecimento intuitivo dos seus valores reais e funcionais como parte de um todo. A representação de leitura estaria relacionada à adesão ao método analítico.

O que acontecia, segundo o autor, era que a grande parte dos professores não conseguia ensinar pelo ‘método analítico’ puro e que não fazia análises e sínteses com exercícios especiais. Porém, no ‘espírito’ dos alunos, faziam com que essas duas operações (análise e síntese) se realizassem de forma espontânea, isto porque

Nenhum methodo, tenha o nome que tiver, use dos processos que usar, jamais conseguirá ensinar ninguém a ler se não encaminhar, ainda que mais ou menos acidentalmente, o espirito do discípulo a analyses e syntheses, sejam ou não estas traduzidas por exercícios exteriores e apparentes.

Quer dizer – não há methodo realmente analytic puro nem methodo synthetico puro, pelo menos taes como funcionam quando efficientes. Todos eles são mais ou menos analyticos, mais ou menos synteticos – o que se verifica até mesmo no methodo chamado synthetico puro, em que a analyse é feita pelo alumno, embora quase sempre posteriormente á synthese, ao arrepio da ordem natural das cousas (FLEURY, 1930c, p. 283).

¹³ Ao analisar a pedagogia de Decroly, o autor traz algumas explicações para a percepção sincrética da criança: “Para a criança da escola primaria, pelo menos, - tudo está em tudo – e é necessário ates esforçar para relacionar do que para separar, para fundir do que para estabelecer distincções bem delimitadas. A psicologia clássica toma a percepção como aggregado de sensações, mas na realidade a sensação não é um estado primário, conforme expõe piéron que explica: ‘em face das cousas’ a criança tem a principio não uma sensação simples, mas sim uma percepção syncretica, ou melhor, global, um complexus que determina uma reação biológica particular. A percepção nítida dos atributos particulares das cousas é um efeito analytic de educação: todo o conhecimento tem uma evolução sempre idêntica do syncretismo global para a analyse das qualidades e ultiores combinações da generalização e do raciocínio” (FLEURY, 1930b, p.13, grifo do autor).

Embora defendesse que o ensino da leitura pelo ‘método analítico’ seria a maneira mais eficiente para o *ensino activo* (FLEURY, 1930b), por considerar que, ao ler, a criança faria relações com a própria vida se tivesse consciência dos resultados que pode alcançar a utilização adequada do método analítico, Fleury reconhece que ocorre uma miscigenação metodológica no ensino da leitura. Contudo, o que garantiria o sucesso do trabalho alfabetizador, sem exclusividade de um método, para ele, consistia no método resultante da habilidade didática do professor.

O êxito do trabalho não dependia em grande parte de um bom método de ensino, mas de uma boa atuação do mestre, pois havia professores que se adaptavam melhor a uma determinada metodologia do que outros. Parecia que o ensino estava firmado por uma representação de leitura como uma atividade orientada e conduzida pelo saber e pelo uso de uma metodologia do professor.

Aos docentes que não conseguissem atingir essa ‘perfeição’ no trabalho alfabetizador, a partir da aplicação do método analítico, Fleury incentivava-os para que se esforçassem em atingir os melhores resultados a partir do uso de ‘bons métodos’, sob a variação de procedimentos que mais se adequassem à sua personalidade didática, seguindo as características de sua psicologia individual, pois, segundo Fleury, era impossível deixar de mencionar as influências e o peso da individualidade e da ‘psicologia’ particular do professor, por ser um aspecto presente em sua atuação na realidade do ensino.

Esse campo de discussão traçado por Fleury parece priorizar um esclarecimento ao seu leitor, o professor, a respeito das distinções conceituais dos métodos de ensino em vigor nessa época, o que deixa evidenciar, em vários enunciados, a preferência pelo ‘método analítico’. A representação de ensino de leitura parece estar relacionada à escolha de um bom método.

b) A aplicabilidade de uma metodologia de análise do livro de leitura

Percebe-se uma variação no discurso de Fleury em relação aos métodos de ensino, o que, talvez, indicaria algumas rupturas ou adesões às principais discussões sobre propostas de ensino na época, como deixou claro em seu texto publicado na edição de 28 de fevereiro de 1929, no jornal *O Estado de S. Paulo*, intitulado *O Ensino Primário Paulista e a Escola Nova*.

Fleury reconhece o esforço do Governo para a implantação do ensino primário no país, principalmente no estado de São Paulo, o que coloca o estado paulista em situação vantajosa em relação a outros estados no início do século XX. O autor destaca em seu texto que o ensino tem procurado assumir e acompanhar as evoluções pedagógicas:

Na medida do possível e do exequível, conforme as condições do nosso meio, está claro, porque S. Paulo não quer apenas sonhar, no papel, planos sumptuosos, mas sim realizar os seus projectos, que, dest'arte, não podem deixar de ser adaptados às circunstâncias da realidade, como é de bom senso positivo o sincero (FLEURY, 1929b, p. 7).

Os comentários de Fleury indicam que a concepção de ensino do Estado de São Paulo não estava alheia às propostas da *Escola Nova*, descritas no *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1917*¹⁴, como também às propostas do *Programma de Ensino* para as escolas primárias de 1927.

Anos mais tarde, atuando como membro de comissões avaliadoras dos livros didáticos e quando o Prof. Almeida Junior (1934-1935, 1936-1937) ocupa o cargo de Diretor Geral do Ensino de São Paulo, no período entre 1935 e 1937, Fleury assume o cargo de Chefe do Ensino Primário, o que repercute diretamente na produção escrita do autor.

Nessa ocasião, o olhar de Fleury ultrapassa as discussões de implementação de um método específico, para argumentar sobre a atuação pedagógica, como em *Sugestões para aulas de leitura*, publicado em

¹⁴ De acordo com o diretor Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo em 1917, Oscar Thompson, a *Escola Nova* era compreendida como “[...] a formação do homem, sob o ponto de vista intelectual, sentimental, volitivo; é o desenvolvimento integral desse trinômio psychico; é o estudo individual de cada alumno; é também o ensino individual de cada um deles, muito embora em classes; é a adaptação do programma a cada typo de educando; é a verificação das lacunas do ensino do professor pelas sabatinas e exames; é o emprego de processos especiaes para a correção de deficiências mentaes; é a educação physica e a educação profissional, caminhando, paralelamente, com o desenvolvimento mental da criança; é a preparação para a vida pratica; é a transformação do ambiente escolar num perene campo de experiência social, do cultivo da iniciativa individual, do estudo vocacional, da diffusão dos preceitos de hygiene, e, principalmente, dos ensinamentos da puericultura; é, em summa, a escola brasileira, no meio brasileiro, com um só lábaro: - formar brasileiros, orgulhosos de sua terra e de sua gente” (THOMPSON, 1917, p. 7).

1936, pela *Revista Educação*. Fleury trazia para seu discurso o problema que muitos professores enfrentavam em relação à linguagem escrita presente nos livros de leitura.

Nesse artigo, Fleury inicia seu discurso, chamando a atenção para a ‘força’ que a palavra escrita poderia ter, impressa nos livros didáticos. Sob essa argumentação, sustenta sua crítica a respeito das produções didáticas, alertando para o comprometimento dos autores para com a literatura didática. Para Fleury, se a criança apresentar consideração pela palavra do adulto e do mestre, ela também a terá pela palavra impressa, o que colocará os escritores de livros didáticos e aqueles que se dedicam à escrita para crianças em uma situação arriscada, pois

Por ahi se vê qual a responsabilidade moral dos que escrevem para a massa do povo e especialmente para as crianças. Devem usar do maior cuidado para não deixarem passar lapsos, enganos ou erros, quer de forma, quer de matéria, maximé de matéria.

Os escriptores de livros para crianças, têm, um trabalho difícil de executar de modo plenamente satisfatório, sendo raros os que o conseguem. Além de que mesmo os espíritos excepcionaes cochilam (*Quandoque bônus dorminat Homerus...*) é comum colaborarem com eles, por accrescimos ou omissões, a boa ou má fé dos compositores ou dos revisores, colaboração essa a que acrecem as falhas oriundas dos interesses materiaes dos editores que nem sempre se dispõem a sujeitar-se a certos gastos ou a prejuízos commerciaes devidos ás delongas dos cuidados de revisão (FLEURY, 1936, p. 56).

Fleury explora em seu discurso duas questões sobre o livro didático, especificamente o livro de leitura, que também apareceram em discussão, em outros artigos, no decorrer das três primeiras décadas do século XX¹⁵, um período que pode ser considerado de consolidação da literatura didática brasileira. A primeira questão trata-se da composição da linguagem escrita dos livros de leitura, em concordância com os discursos

¹⁵ Como exemplo, pode-se citar o texto do Prof. Ribeiro, publicado na Gazeta de Notícias, em 1939, em que o autor critica o ensino da Língua Portuguesa e a forma como era desenvolvida nas escolas, pois além de grandes falhas no ensino da linguagem, “[...] agora, contudo, as questões avultaram. Os livros comerciais multiplicaram. Os professores se improvisaram. E impera uma tal confusão que já ninguém mais sabe onde anda o bom senso!” (RIBEIRO, 1939, p. 222).

da época. Fleury também defendia que o livro de leitura deveria apresentar alta qualidade na produção e na elaboração de uma linguagem escrita ‘adequada’, por se tratar de uma obra destinada à criança, pensada, planejada e idealizada desde a sua composição.

Outra questão que aparece como uma tônica discursiva, no texto, trata-se da reflexão a respeito do leitor a quem estaria direcionada a obra didática. O texto de Fleury parece instigar questões pertinentes à recepção da produção das obras didáticas, destacando que o livro escolar, mesmo escrito para crianças, primeiramente teria outro leitor: o adulto (o pai/mãe ou o professor). O que deveria ser visto como um fato aceitável e quase inquestionável era que havia outro destinatário o qual se deveria reconhecer, valorizar e atribuir-lhe evidência no momento da elaboração de uma obra didática: o professor.

Fleury (1936, p. 57) discute, ainda, as variadas possibilidades de atuação do professor diante dos erros gráficos e ortográficos, fosse pelas omissões de palavras ou pelo emprego inadequado delas, ocasionado pela falta de revisão que apresentavam os livros de leitura, suscitando a necessidade de o docente inteirar-se da obra, conhecê-la também em suas falhas, pois considerava que “[...] o bom professor é aquele que sabe tirar proveito didático de tudo”.

O defeito que a obra apresentasse, para Fleury, poderia resultar em um ‘fator didático’, ou seja, poderia contribuir para a aprendizagem dos alunos, tornando-se, assim, uma atividade eficiente para a aplicação de ‘aulas ativas’¹⁶, em que ocorria a participação e a colaboração de todos, o que também não deixaria de favorecer e aguçar a criticidade das crianças.

Para que isso acontecesse, Fleury considera que os alunos deveriam, em colaboração com o professor, descobrir todos os erros ou lapsos da lição em destaque naquele dia de aula. Uma atividade que demandaria uma revisão prévia do professor para indicar e conduzir a atenção dos alunos

¹⁶ De acordo com Escobar (1928, p. 129), o método de ensino na ‘escola ativa’ consiste no incentivo da ação e do interesse da criança: “[...] só a atividade espontânea é inteiramente e completamente educativa, é a base da escola ideal. A atividade vale mais que a paralisia, mas a atividade pessoal é a própria vida. A criança não aprende por aprender, nem trabalha por trabalhar. A ação não tem virtude em si mesma: a ação é um processo para conseguir fins que interessam ao indivíduo, é um meio para satisfazer necessidades. A ação depende da relação entre o sujeito e a finalidade que se propõe”.

para tal erro, tomando os devidos cuidados para que o caso em estudo não ultrapassasse a capacidade de compreensão das crianças.

Após a realização dessa atividade de análise crítica da linguagem escrita dos textos, poderia proceder-se à revisão do escrito, corrigindo os possíveis erros, lapsos, omissões ou enganos. De acordo com Fleury (1936), ao desempenhar esta proposta pedagógica, os alunos poderiam alcançar grande aprendizado da língua escrita.

Fleury (1936) não apenas apresentou, mas também defendeu e incentivou, no decorrer do texto, a adesão do professor a essa proposta metodológica, acrescentando que o auxílio aos alunos seria apenas em casos de absoluta necessidade e, na medida do possível, deveria permitir que os alunos fizessem as observações dos erros e que chegassem a executar a reparação das falhas por si mesmos.

Bem sabemos que, em geral, os professores chamam a atenção de seus discípulos para os erros dos livros corrigindo-os. Mas fazem-no, muita vez, sem provocar a atividade da classe, sem fazê-la esforçar-se e descobri-los e corrigi-los por si, em trabalho de cooperação, sem aguçar o espírito de crítica sadia...

E é para esse gênero de trabalho de classe que lembramos especial cuidado dos mestres de boa vontade (FLEURY, 1936, p. 58).

A questão da espontaneidade infantil foi um aspecto educativo defendido e implantado pela *Escola Ativa* e, sem dúvida, muito questionado no início do século, que aparece, de certa forma, incentivado no artigo de Fleury ao indicar que a criança deveria realizar uma atividade por si mesma. Os métodos ativos baseiam-se nos limites que lhes são determinados de produção a partir do que se espera alcançar (FERRIERE, 1933).

O discurso de Fleury a respeito do ensino da leitura reflete as influências da nova proposta teórica e metodológica do movimento da *Escola Ativa*, que foi ganhando um espaço de discussão entre os educadores da época. O movimento de aulas mais participativas defendia que a atividade pedagógica deveria ser motivada por uma finalidade e por um desejo de sentido, ou seja, todo o conteúdo a ser ensinado precisaria partir de um interesse, ou responder a uma necessidade da criança, o que indica uma representação de leitura como uma atividade atuante e

reflexiva sobre e com o texto. Isso sinaliza para uma representação de ensino de leitura interligada ao livro de leitura.

Ao observar a produção escrita de Fleury, poderia classificá-la como contraditória, visto que, em um primeiro momento, ele defende o *método analítico* e, pouco tempo depois, se mostra adepto às propostas da *Nova Escola*. Com isso, levanta-se a questão: o que teria contribuído ou desencadeado no autor preocupações em relação às propostas de ensino movidas por interesses metodológicos tão distintos?

Uma possibilidade de compreensão seria analisar as condições de produção dos escritos de Fleury. Bakhtin (2006) nos aponta que há uma necessidade de se considerar as características da ‘situação da transmissão’. As condições de produção do discurso contribuem e exercem influência na elaboração dos enunciados, visto que “[...] a língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes” (BAKHTIN, 2006, p. 153).

Estar inteiramente presente em uma obra não significa que se esteja a salvo de qualquer relação direta com expressões, ideias e palavras de outros autores, ou que não haja o risco de aderir a outros pensamentos e concepções postos em discussão na época, porque a atitude de olhar e tentar entender a autoria de uma obra, comenta Bakhtin (2003, p. 316), “[...] significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e de seu mundo, isto é, outro sujeito”.

Fleury percorre a extremidade em relação à perspectiva ideológica da educação brasileira no início do século XX, o que poderia indicar que os enunciados estariam permeados por palavras do outro, segundo Bakhtin (2003), o que permite compreender que toda a experiência de sua produção escrita também se desenvolveu a partir de uma interação constante e contínua com enunciados produzidos em seu contexto social e político da época.

Considerações finais

Ao propormos apresentar parte da biografia e bibliografia de Luiz Gonzaga Fleury, bem como analisar quais representações sobre o ensino da leitura estariam retratadas em sua produção material escrita, no período entre 1922 e 1936, foi possível identificar um discurso determinado pelas condições sociais de produção, elencando-se duas preocupações que percorreram os escritos do autor em relação ao ensino da leitura: a primeira referente ao esclarecimento dos métodos de ensino e outra em

relação aos modos de aplicação e de uso dos livros de leitura em sala de aula.

As situações ou as condições de produção da escrita de Fleury tornam-se determinantes na elaboração de seu discurso. A posição social de onde o autor tece seus enunciados nos aponta a influência da exterioridade na expressão verbal do autor, entendendo que “[...] as condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época”, como nos mostra Bakhtin (2006, p. 160).

Como professor e inspetor de ensino, Fleury se atém, em seu discurso, para as questões de ordem teórica e funcional da educação: a compreensão e aplicabilidade de uma metodologia de ensino, deixando em evidência sua preferência em relação ao ‘método *analytico*’ de ensino como o mais adequado para o trabalho pedagógico – uma opinião que se alterou no decorrer de sua carreira profissional.

No discurso de Fleury em seus diferentes textos, prevalece um repensar sobre o ensino da leitura, que parte da explanação conceitual dos métodos ‘*analytico*’ e ‘*sintético*’ para a apresentação de um procedimento metodológico específico para o trabalho com livros de leitura, em que a representação de ensino de leitura parece estar relacionada à escolha de um bom método. O discurso de Fleury também insinua uma representação de leitura, ora como uma atividade orientada e conduzida pelo saber e pelo uso de uma metodologia do professor, ora como uma atividade atuante e reflexiva do aluno sobre e com o texto.

Ao traçar elucidações sobre os métodos de ensino da leitura e modos específicos de uso dos livros de leitura, foi possível observar que o professor foi reconhecido, no discurso de Fleury, como um leitor atuante da literatura didática e, por isso, mereceria, assim como o aluno, a atenção e os cuidados na elaboração e na produção da obra didática, e que a ele competia os modos distintos de perceber e de atuar com e sobre os livros de leitura. Fleury parece instituir “[...] práticas que visam fazer conhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo”, como nos indica Chartier (2002, p. 23).

Embora o discurso de Fleury aponte para uma flexibilidade no posicionamento ideológico em relação aos métodos de ensino, o autor parece estender um olhar minucioso de professor para professor, aproximando-se daquilo que acredita ser um trabalho pedagógico autêntico, demarcado pela atuação docente independente das

determinações externas que o ensino ou a educação possam imprimir. São palavras que retomam a ideia de Bakhtin (2006, p. 294) de que a expressão da palavra “[...] nasce do contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual”.

Fonte

ALMEIDA JUNIOR, A. Livros didacticos. *Annuário do Ensino do Estado de São Paulo*. 1934-1935, p. 46.

ALMEIDA JUNIOR, A. *Annuário do Ensino do Estado de São Paulo*. 1936-1937.

AS IMPERFEIÇÕES dos bons livros. *Revista do Professor*, São Paulo, ano VI, n. 22, p. 29, 1939.

FLEURY, L. G. O ensino da leitura (methodo analytico). *Revista Nacional*, São Paulo, anno I, n. 13, p. 278-284, 1922.

FLEURY, L. G. O ensino de psychologia na escola primaria. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. 2, 18 jan. 1929a. (Secção Caderno Geral).

THOMPSON, O. *Annuario do Ensino do Estado de São Paulo*. São Paulo: Directoria Geral da Instrucção Pública, 1917.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CARVALHO, M. M. C. Notas para reavaliação do Movimento Educacional Brasileiro (1920-1930). *Caderno de Pesquisa*. São Paulo, n. 66, p. 4-11, ago. 1988. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15741988000300001&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jan. 2013.

CARVALHO, M. M. C. Reformas da instrução pública. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C.G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 225-251.

CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução M. M. Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, R. *Formas e sentidos*. Cultura escrita entre distinção e apropriação. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ESCOBAR, J. O catecismo da escola activa. *Revista Escolar*. Órgão da Directoria Geral da Instrução Publica e da Sociedade de Educação de São Paulo, São Paulo, v. II, p. 138, jan./mar 1928.

FERRIERE, A. O papel do mestre na escola ativa. Tradução Manoel Marques de Carvalho. *Revista Educação*. Órgão da Directoria Geral da Instrução Publica e da Sociedade de Educação de São Paulo, São Paulo, v. I, p. 339, 1933.

FLEURY, L. G. C. O Ensino primário Paulista e a Escola-Nova. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. 7, 28 fev. 1929b. (Secção Caderno Geral).

FLEURY, L. G. C. Ilusões Communs. *Revista Educação*, São Paulo, ano III, n. 36, p. 333, set. 1930a.

FLEURY, L. G. C. Noções sobre a Pedagogia de Decroly. *Revista Educação*. Órgão da Directoria Geral da Instrução Publica e da Sociedade de Educação de São Paulo, São Paulo, ano III, v. X, jan. 1930b.

FLEURY, L. G. C. Sobre o ensino da leitura. *Revista Educação*. Órgão da Directoria Geral da Instrução Publica e da Sociedade de Educação de São Paulo, São Paulo, ano III, v. X, mar. 1930c.

FLEURY, L. G. C. Sugestões para aula de leitura. *Revista Educação*. Órgão do Departamento de Educação do estado de São Paulo, São Paulo, v. I, p. 56-58, 1936.

GOULART, I. C. V. Série graduada de Língua Portuguesa de Luiz Gonzaga Fleury (1948/1949): um estudo sobre as representações de leitura e de prática pedagógica. *Revista Linha Mestra*, Campinas, ano VI, n. 20, p.

1-11, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://linhamestra20.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

GOULART, I. C. V. Representações sobre o ensino da leitura nos discursos de Luiz Gonzaga Fleury. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA, SIHELE. Métodos e material didático na história da alfabetização, da leitura e da escrita no Brasil., 2., 2013. Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ABALF, 2013a. p. 1-17.

GOULART, I. C. V. *As lições de meninice: um estudo sobre as representações de livro de leitura inscritas nas serie graduada Meninice (1948/1949), de Luiz Gonzaga Fleury.* 2013. 264f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013b.

JARDIM, R. As denominações ‘methodo analytico’ e ‘methodo syntetico’, em Pedagogia. *Revista Escolar.* Órgão da Directoria Geral da Instrucção Publica e da Sociedade de Educação de São Paulo, São Paulo, v. II, n. 37, p. 209-226, jan./mar. 1928.

LAJOLO, M.; ZILBERMAM, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias.* São Paulo: Ática, 1991.

MELLO, M. C. O. *A alfabetização na imprensa periódica educacional paulista (1927-1943).* 2007. 239f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

MELO, L. C. *Dicionário de autores paulistas.* Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo. São Paulo: Irmãos Andrioli, 1954.

MESSEMBERG, C. A. Um estudo sobre ‘Na Roça’: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília, v. 9, n. 2, p. 200-213, 2009.

MESSEMBERG, C. G. *A série Na Roça, de Renato S. Fleury, na história do ensino da leitura no Brasil.* 2012. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo 1876/1994. São Paulo: UNESP, 2000.

RIBEIRO, A. N. A Língua e sua Pedagogia. O descalabro no ensino da linguagem. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 222-224, 20 ago. 1939.

SOUZA, R. F. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

Endereço para correspondência:

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Rua Paula Augusta Garcia, 130

Colinas de Santa Bárbara

CEP 37550-000

Pouso Alegre - MG

E-mail: ilsa.vieira@uol.com.br/ ilsa.goulart@ded.ufla.br

Submetido em: 03/03/2014

Aprovado em: 02/02/2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.
--